

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**NUCLEO EDUCASAÚDE**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

**PATRÍCIA SCHNEIDER**

**PIRILAMPIANDO-SE, BRILHOS E APAGAMENTOS: O TEMPO DE UMA  
EXISTÊNCIA**

**Porto Alegre**

**2013**

**PATRÍCIA SCHNEIDER**

**PIRILAMPIANDO-SE, BRILHOS E APAGAMENTOS :O TEMPO DE UMA  
EXISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
com pré-requisito para obtenção de pós-graduação  
em educação curso de especialização em educação  
em saúde mental coletiva. Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul – Instituto de Faculdade de  
Educação.

Área de Concentração: Educação, Saúde

.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2013

## TEMPO

Quem tem olhos pra ver o tempo  
Soprando sulcos na pele  
Soprando sulcos na pele  
Soprando sulcos?  
O tempo andou riscando meu rosto  
Com uma navalha fina  
Sem raiva nem rancor.  
O tempo riscou meu rosto com calma  
Eu parei de lutar contra o tempo  
ando exercendo instantes  
(acho que ganhei presença).  
Acho que a vida anda passando a mão em mim.  
A vida anda passando a mão em mim.  
Acho que a vida anda passando.  
A vida anda passando.  
Acho que a vida anda.  
A vida anda em mim.  
Acho que há vida em mim.  
A vida em mim anda passando.  
Acho que a vida anda passando a mão em mim.  
E por falar em sexo  
Quem anda me comendo é o tempo  
Na verdade faz tempo  
Mas eu escondia  
Porque ele me pegava à força  
E por trás.  
Um dia resolvi encará-lo de frente  
E disse: Tempo,  
Se você tem que me comer  
Que seja com o meu consentimento  
E me olhando nos olhos  
Acho que ganhei o tempo.  
De lá pra cá  
Ele tem sido bom comigo  
Dizem que ando até remoçando.

Viviane Mosé

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de Curso em Saúde Mental Coletiva tem como finalidade realizar uma espécie de biografia de uma fita VHS. Essa escrita pretende resgatar um trabalho realizado em uma escola de São Leopoldo, no ano 2000, com alunos e professores da EJA. Os temas principais do vídeo em questão são gravidez na adolescência, AIDS e doenças sexualmente transmissíveis. Porém, procuro realizar reflexões sobre as práticas de Saúde e Educação, assim como fazer uma reflexão sobre o Tempo e a Existência.

**Palavras-Chaves:** Biografia, Práticas de saúde e Educação, Tempo.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. TRAJETOS, SENDAS E ITINERÁRIOS E AMADORISMOS .....	7
3. ESTAR À ESPREITA .....	11
4. EXISTÊNCIAS , SENTIDOS E OUTRAS BUSCAS.....	15
5. PIRILAMPIANDO-SE, BRILHOS E APAGAMENTOS .....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS.....	26

## 1 INTRODUÇÃO

O tempo é um sério senhor que nos apresenta a cada dia sua face translúcida. Ele não tem dó nem piedade e abraça a todos com longos e firmes braços. Quem é capaz fugir aos abraços do tempo?

O presente trabalho fala do tempo, dos sentidos que atribuímos a existência das coisas.

Resgato aqui, na forma de uma breve biografia, a experiência na qual participei e que se constituiu em um grupo focal de intervenção com adolescentes, jovens e adultos, estudantes do município de São Leopoldo RS, no ano 2000.

Após um semestre de atividades elaboramos um vídeo ( fita VHS) que apresenta esquetes teatrais sobre o tema da sexualidade. Nele podemos perceber as angústias das gerações envolvidas com a AIDS, DSTs, gravidez na adolescência, numa metodologia que respeita a expressão cultural original de cada sujeito.

Resgato minha trajetória profissional, convido o leitor a refletir sobre a existência, o tempo, a busca dos sentidos que atribuímos a cada produção que realizamos.

Faço reflexões sobre como podemos biografar sem trair os fatos e acontecimentos do que estamos biografando e qual é a medida de verdade desse relato. Como exercício fabulatório, narro algumas partes de um diário escrito pela própria fita VHS de dentro do armário onde se encontra.

E por fim escrevo sobre os brilhos e apagamentos da vida, essa missão que cada um de nós possui, a de ser um pirilampo em seu próprio caminho.

## 2. Trajetos, sendas, itinerários e amadorismos...

Quantas são as dores e alegrias de uma vida  
Jogadas na explosão de tantas vidas  
Veze tudo que não cabe no querer...  
Marcelo Jeneci

Falar de um caminho já percorrido é deveras perigoso, pois sempre, muitos episódios vividos tornam-se inevitavelmente esquecidos durante a narrativa. Busco, então, registrar aqui alguns momentos de minha trajetória de vida.

Iniciei minha vida profissional no Magistério durante o estágio, sob condições precárias, em uma escola de periferia de São Sebastião do Caí. Lembro que ministrei aulas em um salão de igreja porque na escola não havia espaço para os meus alunos. Após esse período de estágio, concluí o curso de Magistério e voltei a trabalhar durante um ano e meio no comércio, atividade que exerci durante todo o Ensino Médio. Ao final do Magistério, prestei concurso para a Prefeitura de São Leopoldo, onde ingressei como professora e leciono há dezessete anos. No ano seguinte, entrei para a rede estadual de Ensino em minha cidade, São Sebastião do Caí.

Lecionava, então, 40 horas semanais e cursava a universidade à noite. Na rede estadual, lecionava em uma escola pequena, com 60 alunos, todos vindos de famílias de agricultores, em sua maioria de origem germânica. Enquanto isso, na rede municipal de São Leopoldo, a realidade era completamente diferente.

Decidi, então, me demitir da rede estadual, pois, além de ser extremamente cansativo trabalhar nas duas cidades e estudar à noite, encontrava dificuldade para realizar meu trabalho naquele espaço engessado, totalmente avesso a mudanças. Segui então trabalhando somente na Prefeitura de São Leopoldo. Estudava na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde havia sido aprovada no curso de Pedagogia. Concluir o curso de Pedagogia foi para mim um grande desafio. De fato, sou a única da família a ter levado os estudos adiante.

Desde que me recordo, dentro do magistério e em relação às artes plásticas, sempre fui uma amadora, no sentido do termo cunhado por Roland Barthes:

o amador (aquele que pratica a pintura, a música, o esporte, a ciência, sem espírito de maestria ou de competição), o Amador reconduz seu gozo (amator: que ama e continua amando); não é de modo algum um herói [...] ele se instala graciosamente (por nada) no significante.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>BARTHES, 1977, p. 59

Tornar-se um amador: eis aí um desafio extensivo a muitas áreas da minha vida. Sim, sempre, desde que me lembro, na mais tenra infância me fascinavam as gravuras nos livros, que a propósito eram raros em minha casa, aquela explosão de cores e formas alegrando minhas mãos e dançando diante dos meus olhos. No ambiente em que nasci não havia muitos livros, mas alguma música. Minha mãe cantarolava o dia inteiro e meu pai diária e religiosamente era fiel aos exercícios de acordeon.

Nunca tive talentos artísticos, nem os quero ter. Intereço-me pelo processo no qual as coisas acontecem, em como o borrão torna-se uma imagem, como uma imagem provoca tanta emoção, na forma como desloca o olhar, desacomoda.

Fico satisfeita em cultivar meu amor pelas artes e pelo belo, em qualquer lugar, observar a beleza é um prazer eterno. Gosto das miudezas e dos detalhes que para muitos podem passar em branco (isto terá grande sentido daqui um pouco, quando falarei da minha paixão por um certo objeto esquecido e deixado para trás na história do tempo).

Lembro-me também da emoção que senti ao ver pela primeira vez um quadro de Van Gogh; chorei sem querer chorar, presa em uma espécie de vergonha em plena Galeria Nacional de Londres.

A arte liberta e humaniza. É o espelho que nos reflete em sincronia com o sentimento do artista. Torna a dor que sentimos em algo mais deglutível e efêmero.

Quando estava na Alemanha conheci Frau Scheid, sobrevivente aos tempos de guerra, uma amiga, que me narrou um episódio que jamais esqueci e que traduz bem o que quero registrar aqui: “-Quando retornei da escola a minha casa, disse ela, não existia mais, tudo o que tínhamos estava resumido às cinzas... Apenas minha família me esperava. Então meu pai me segurou pela mão e me levou para um caminhão. Lá estavam todos meus vizinhos e conhecidos que também haviam perdido seus lares. Meu pai olhou nos meus olhos e falou: -A vida deve continuar. E fomos todos, naquele caminhão saculejante, assistir a uma ópera em pequeno teatro que havia sobrevivido aos bombardeios.”

O que dizer dessa história? Nesse momento recorro às palavras de Pessoa:

...A arte é um esquivar-se a agir, ou a viver.

A arte é a expressão intelectual da emoção, distinta da vida, que é a expressão volitiva da emoção.

O que não temos ou não ousamos, ou não conseguimos, podemos assumir-lo em sonho, e é com esse sonho que se faz arte.

Outras vezes a emoção é a tal ponto forte que embora reduzida a ação, a ação a que se reduziu não a satisfaz; com a emoção que sobra, que ficou inexpressa na vida, se forma a obra de arte. Assim, há dois tipos de artista: o que exprime o que não tem e o que exprime o que sobrou do que teve.



Até mesmo quando não possuímos mais nada, ali está a arte. Ela nos toma pelas mãos e nos diz que a vida continua, a arte toma nossa alma por empréstimo, elevando-a a uma outra dimensão de beleza e vida.

Nos primeiros anos como professora, encontrei muita dificuldade para lidar com alunos que reagiam de forma agressiva, ou até violenta, às regras e obrigações determinadas pela escola. Além deste, outro grande desafio foi trabalhar com a alfabetização, tanto de adultos como de crianças.

Durante o tempo que lecionei 40 horas semanais, desenvolvi vários projetos envolvendo artes plásticas para crianças e para adultos, no caso desses últimos, dentro do projeto “Aprender é Possível”<sup>3</sup>

Nesse projeto, foi-me oportunizado trabalhar não só com a alfabetização de jovens e adultos (EJA), mas também desenvolver alguns projetos como: Arte Itinerante – abrangendo quatro escolas de ensino noturno –; Fotografia – um olhar diferente, um registro dos olhares dos alunos em seu espaço de convivência; Grupo de Discussão Sobre Sexualidade, que resultou em um vídeo chamado: “Desejo e Temperança-Sexualidade, Teatro e Escola”, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e do NUPACS<sup>4</sup>; dentre outros. Paralelamente a esse trabalho, continuei com turmas de alfabetização de crianças e também com turmas de até o quinto ano do Ensino Fundamental.

Após doze anos de magistério, tive uma oportunidade de viajar para a Alemanha. Decidi então fazer uma pausa, por isso licenciei-me da Prefeitura de São Leopoldo. Permaneci um ano no exterior, onde freqüentei um curso de língua alemã e também pude exercer uma atividade profissional bem diferente das que havia exercido até então: a de massoterapeuta no centro terapêutico de Heike Strombach – terapeuta alemã que desenvolve trabalho na área de *Rebirthing* – em uma pequena cidade no interior da Alemanha (Wipperfürth), próxima à cidade de Colônia. Retornando ao Brasil, voltei a lecionar. E, dessa vez, em uma comunidade muito carente, com uma clientela de crianças que, em sua grande maioria, vivia em situação de vulnerabilidade social.

Durante minha caminhada, acredito que tenha mais aprendido do que ensinado, pois vivo diariamente situações desafiadoras. Lembro-me da fala de um de meus alunos, quando realizava um conselho de classe participativo na condição de supervisora pedagógica. Ao questionar o que eles gostariam que mudasse na escola, uma criança de sete anos disse o seguinte: “eu gostaria que a merenda fosse servida com mais educação”. Essa fala me impressionou profundamente, pois, na condição de supervisora, imaginava, que a reivindicação seria por mais tempo de recreio, novos professores, aulas mais interessantes... O aluno, porém, expressou apenas seu desejo de ser tratado com mais dignidade e respeito. A partir desse dia, comecei a fazer reflexões mais profundas sobre minha prática.

---

<sup>3</sup> Projeto de alfabetização de jovens e adultos criado pela prefeitura de São Leopoldo no ano de 1996 e em atividade até os dias de hoje.

<sup>4</sup> Núcleo de pesquisa em antropologia do corpo e da saúde /FCH-UFRGS.

Quando trabalhava com alfabetização de adultos, lembro-me da emoção de uma senhora de 75 anos que conseguiu pela primeira vez escrever corretamente a palavra ventilador. Lágrimas escorreram de seus sonhos e, com o olhar fixo no meu, exclamou: “– professora, que palavra grande! Agora eu posso ler e escrever! Eu nem acredito que posso ler o ônibus e saber voltar pra casa”.

No curso de Pedagogia tive acesso a leituras e experiências que me levaram a refletir sobre as diversas narrativas que nos deixam marcas e que são, entre outros, responsáveis pela constituição de nossas identidades. Com base nesses estudos, direcionei minha prática pedagógica em uma tentativa de observar e escutar toda essa problemática que deságua diariamente na sala de aula, e também de perceber como o aluno é um todo que, durante as aulas, procura expressar suas idiossincrasias. Entendo que não é tarefa da escola sanar a dor e os conflitos emocionais de seus alunos, porém, hoje mais do que nunca, é preciso que se estabeleça um ambiente de acolhimento dessa criança que, já no início de sua vida, carrega marcas e, por vezes, dores tão profundas.

Arriscando-me em todos esses trajetos e itinerários de vida cheguei até o curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva, através da indicação de um amigo.

Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários,  
desbravar o interior, bifurcar em  
algum lugar. Eis as três primeiras estranhezas.<sup>5</sup>

Durante o primeiro semestre de aulas este foi o meu processo, deixar-me seduzir pelo curso de Saúde mental Coletiva, tudo foi muito diferente e novo. Estava retornando à universidade após 5 anos e tudo havia se transformado. Aceito o desafio de levar adiante esse curso, tive que lidar com as estranhezas geradas por uma nova universidade e sua mítica. O arejamento de idéias, a liberdade de pensamento e expressão me causaram até um desequilíbrio, parecido com alguém que respira profundo demais e vê-se tonto com tanto oxigênio.

A harmonia secreta da desarmonia: quero o que não está  
feito, mas o que tortuosamente se faz.  
Minhas desequilibradas palavras são o luxo do meu silêncio.<sup>6</sup>

Dentro desse movimento de desacomodação, aos poucos fui buscando inteirar-me de todo esse novo universo. Busquei refletir sobre as experiências que vivi, onde a saúde encontrou a educação e vice-versa. Relembrei um projeto que realizei há 11 anos atrás dentro do ensino de jovens e adultos, que curiosamente depois de realizado, foi esquecido, descartado. Conceitos como protagonismo, autonomia, território, apresentados durante nossas aulas no curso de Saúde mental coletiva, já estavam presentes em minha prática, na realização desse projeto. Daí surgiu meu interesse de resgatar essa memória, tornando-a mais viva e vívida no contato com as experiências do curso. Esta é a aposta deste texto.

---

<sup>5</sup>Serres, 1993, p.42.

<sup>6</sup>Lispector, 1988.

### 3. Estar à espreita...

Falar de um passado que está adormecido, auxiliar no seu despertar, fazer desse passado um presente atuante, tirar para fora do armário o que está oculto, encontrar um novo espaço de realidade, uma festa diante das possibilidades. Fazer com que isto que estava no passado novamente pertença, de maneira viva, que ocupe seu lugar no tempo e espaço de modo a produzir outros acontecimentos. O desafio dessa escrita está em construir uma biografia de resgate para restituir, afirmar e constituir novas dimensões de vida.

O material aqui citado, uma fita em VHS que possui esquetes teatrais, foi produzido dentro do Projeto "Valorizando as Expressões da vida na Escola", realizado em São Leopoldo, com os alunos e professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos). O objeto de estudo, aqui resgatado, constitui-se em uma fita VHS que relata, através de esquetes teatrais, o resultado do trabalho de um grupo focal de discussões sobre sexualidade, que ocorreu no ano 2001 com o título: "Desejo e temperança : sexualidade, teatro e escola".

Assim, com o resgate desse material busco tornar novamente vivas as experiências vividas , vida biografada, vida vivida por outrem ou outrora, mas dinamizada através da minha própria vida. Coloca-se as impressões de um Eu que por hora se apossa da vida de um ou outros, restituindo uma verdade que “ poderia ter sido”.

Uma sensação mortuária nos assombra sempre que nos sentimos entrando em uma coisa qualquer, um qualquer como jogo de possibilidades, onde aquilo que nos é mais reconhecível é somente uma dentre as inúmeras possibilidades.<sup>7</sup>

O lugar da identificação é só um entre tantos, só mais uma possibilidade, mas o que garante o nosso existir é a identificação com o que reconhecemos, o que não exclui a possibilidade de manifestações de outras existências. O destino, desde o principio da criação, a vida. A vida que se legitima e se organiza, que se faz com uma certa autonomia, com vida própria, vida que cria e realiza o seu caminho. Todavia, os “eus” dos quais à vida pertencem, o vir-a-ser, serão prescritos, autênticos, espontâneos ou inventados?

Assim, uma biografia é uma janela com um olhar sempre aberto sobre um mundo com possibilidades diversas; cabe a nós, biógrafos das coisas vividas e lembradas, escolhermos um norte(ou um sul ou um leste,oeste...) que nos parece o mais interessante e com ele traçamos nosso caminho. O interessante é que, muitas vezes passamos despercebidos por aquelas histórias que parecem mudas, que esperam um olhar para despertá-las novamente à vida.

---

<sup>7</sup>Costa, 2010,p 47.

Neste sentido, qual será, então, o motivo pelo qual nos propomos a escrever, narrar, relatar uma vida que não a nossa? Segundo Costa, 2010;

Seja por uma obrigação, por uma encomenda, por um desejo, por uma exigência qualquer por um fetiche, por uma pequena ou grande curiosidade, Por uma pulga atrás da orelha. Os motivos pelos quais nos tornamos biógrafos são inúmeros e muito pouco interessantes aos nossos futuros leitores.<sup>8</sup>

A relação do biógrafo com a obra a ser escrita, sua vida, e a vida de sobre a qual ele escreve, permanecerá com um ponto de discussão, pois, apenas supostamente, o Eu biográfico precisaria manter uma certa distância, sabendo preservar os Eus dos biografados, o que na maioria das vezes, torna-se quase impossível. Quando relatamos algo, inevitavelmente nos misturamos a esse algo, impomos nosso modo de visão e observação sobre o que está sendo escrito durante o processo da escrita.

Mesmo sabedora e respeitando os limites que se impõe durante a contextualização da narrativa biográfica, a pesquisa assume este lugar tênue e frágil onde tudo pode se misturar sem ser misturado. O que vou biografar não passa de uma parte da realidade, de uma verdade singular dentro de uma totalidade que se manifesta como uma teia de realidades sentidas e imaginadas. Ao biografar busco resgatar aquilo que é e se diz vida, algo que se excluía, mas que permanece vivo em algum lugar, mesmo quando descartado, como algo que não merece nenhum crédito, sem qualquer valor agregado.

Fazer perguntas com o martelo, e talvez ouvir como resposta aquele célebre som oco que indica entranhas intumescidas – que encanto para quem possui ouvidos mesmo por detrás dos ouvidos, pra mim, velho psicólogo e caçador de ratos, diante de quem precisamente as coisas que gostariam de permanecer caladas são forçadas a falar...<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>Costa, 2010, p48.

<sup>9</sup>Nietzsche, 2011, p16

É justamente nesse instante, que o biógrafo corre grande perigo, pois está disposto a desvelar,clarear, ressurgir coisas que preferem silenciar . Se esse ato implica em afectação, então o biógrafo mistura-se a coisa biografada. Através da minha perspectiva, do meu olhar,conecto com minha totalidade física. Através do movimento das minhas mãos coloco todos meus sentidos e emoções, tornando presente a presença que já foi excluída, rejeitada,esquecida.

E o que torna as coisas esquecidas, inúteis, rejeitadas? ... Será sua falta de sentido, sua falta de vida, de brilho? Ou o simples fato de que alguém as esqueceu?

Quando as coisas desaparecem ninguém se dá conta, por uma razão simples”,  
Quando alguma coisa desaparece, ela não faz falta. <sup>10</sup>

O texto, reavivado pelo autor que lhe doa e compartilha sua própria vida, ganha novos sentidos, novos lugares, e então, aos olhos dos leitores, recebe uma sobrevida, voltando a ter importância. É criado um novo espaço, em um outro contexto, chamando a atenção para a permanência, para a ruptura, uma nova possibilidade de realidade presente sobre algo passado, exposta através da narrativa que tem como expectativa um novo entendimento. Novos encontros e desencontros.

(...) penso nessa história de estar à espreita. Não acredito na cultura; acredito, de certo modo, em encontros. E não se têm encontros com pessoas. As pessoas acham que são com pessoas que se têm encontros. É terrível isso faz parte da cultura, intelectuais que se encontram, essa sujeira de colóquios, essa infâmia, mas não se têm encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música, assim entendo o que quer dizer um encontro. Quando as pessoas querem juntar a isso um encontro com elas próprias, com pessoas, não dá certo. Isso não é um encontro. Daí os encontros serem decepcionantes, é uma catástrofe os encontros com pessoas.  
<sup>11</sup>

Daí, então, a necessidade eminente do biógrafo de colocar-se à espreita das coisas do mundo, suficientemente distraído para que encontros aconteçam. Nesses mágicos momentos, o biógrafo, aberto e disposto às suas sensibilidades, encontra a felicidade de surpreender-se, de encantar-se ou estranhar-se com o objeto pesquisado. São instantes de metamorfose e beleza, muitas vezes sem lógica e regidos pelo simples prazer da descoberta.

“Estou num estado muito novo e verdadeiro, curioso de si mesmo, tão atraente e pessoal a ponto de não poder pintá-lo ou escrevê-lo”. <sup>12</sup>

<sup>10</sup> Deleuze, 1989, p14.

<sup>11</sup> idem, p21.

<sup>12</sup>.Lispector, 1988, p.13.

Eis a emoção daquele que descobre algo novo e se encanta diante da descoberta tão esperada por ele, mas que nasce de uma vontade própria de existir e se revelar. E, no mais, é buscar um a forma de acomodar todas essas vozes que vêm à tona em breves lapsos de realidade que, decompostos, formam o inventário da própria vida.

## 4.Existências,sentidos e outras buscas...

À duração da minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios.

Clarice Lispector

Como, ao serem faladas ou escritas,todas as coisas precisam ter um começo,vamos começar assim..

Um dia qualquer, em uma cidade que pensa ser grande mas é pequena (tanto em idéias quanto em possibilidades) e dispersa,cheia de gente até não mais caber,formada de toda a sorte e raça que aparecer. Onde da manhã até a noite em uma rua só insistem em correr

...porque a pessoa migrante não fez parte da construção desse novo local. Para torna-se “ativa”, é necessário que a pessoa migrante participe da construção histórica do local em que passa a viver.É necessário fazer parte de alguma construção social para sentir-se parte do lugar.<sup>13</sup>

Dependurada na Região Metropolitana de Porto Alegre,nas margens de um rio que chamam de “Sinos “ (e que está prestes a desaparecer) a cidade segue seu prumo,rodeada por vilas cheias de vidas de trabalhadores que, mesmo desempregados ou em sub- empregos, procuram sobreviver.

A realidade das vilas de São Leopoldo denuncia a cultura dominante que torna as pessoas cegas,surdas e mudas,diante do escândalo da discriminação: é possível não mais se escandalizar diante dos privilégios de alguns e da própria política...<sup>14</sup>

Foi lá pelas bandas do bairro Feitoria que a cidade resolveu se desenvolver, através do trabalho escravo dos negros, que no engenho,moiam a cana para o açúcar branco e puro dos ricos .

Os primeiros contatos com o sistema escravista possivelmente se deram antes mesmo de sua chegada à Colônia Alemã,nos portos de cidades amplamente escravistas por que passaram, como Rio de Janeiro,Rio Grande e Porto –Alegre. Já nos primeiros momentos de seu estabelecimento em São Leopoldo,os imigrantes contaram com o trabalho dos escravos da recentemente desativada Real Feitoria do Linho –Cânhamo para a construção de ranchos(habitações) e o cultivo das primeiras roças de Subsistência...<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>Witzke,2007,p.69

<sup>14</sup>Hammes,2007,p.61

<sup>15</sup>Oliveira,2006,p.60

De outro lado, nas beiras do mesmo rio acima citado, em 1824, um bando de alemães resolveu comparecer e lá nas margens se estabelecer.

Mas o que quero contar aconteceu há pouco tempo e existiu mesmo não podendo aparecer, mesmo sem ninguém (ou ao menos quase todo mundo) saber.

Em meio à poluição sonora de toda a sorte, carros caminhões, conversas e até tiros de morte o sujeito atento pode ouvir certos e sarcásticos murmúrios, vindos não se sabe de onde, mas que se escutados com fé, fazem qualquer vivente estremecer.

Mas a maioria dos sujeitos que por ali andam, mesmo sendo cheios de instrução-tem até “doutor” e tabelião-, fecham os ouvidos e os olhos, cegos e surdos que estão. Porém, em caligrafia estranha e que alude a uma espécie de diário, pode-se ler:

**São Leopoldo, 28 de julho de 2005**

### **A existência**

Existo. Isso de fato ninguém pode negar. Não sei se dia ou noite.

Não sei como vim parar aqui.

Todos esses barulhos estranhos e silêncios prolongados me causam aflição.

Estou convencida de que devo levar meus dias com dignidade e propósito. Mas esse objetivo agora parece estar além do meu alcance.

Assisto todos os dias o meu envelhecimento. Já não recordo mais ao que vim, ou ao menos porque fui gerada.

Dia após dias o barulho estúpido do caminhão de lixo me acorda numa algazarra fétida. Quero viver para satisfazer toda minha capacidade de vida.

O vivo não é concebível sem resposta mecânica (estática ou dinâmica) sem posição, sem raiz, sem tronco, sem gestos, sem luz. Aqui não há estímulos, só perguntas.

Como viver no esquecimento, sendo a cada dia sufocada pelo ambiente inóspito e opressor desse lugar?

Todos andam curvados, sem condições de assumir toda a extensão do corpo. Respiram tenências estrangeiras cheias de um ar poluído, pesado. Aplicam suas novas verdades a cada estação, sem questionar qual seu sentido, qual sua eficácia.

O corpo dói e cria-se o mofo entre meus poros. Minha vida se esvai e não posso com as mãos retê-la. Antevejo minha missa de sétimo dia como um moribundo em seu leito de morte, gozo dos últimos instantes que me cabem.



Todos aqui andam em círculos seguindo seus próprios rastros, sem ar, sem vida, sem possibilidade.

O engodo fantástico a que se submetem diariamente causa-me náuseas e em seguida verdadeiros vômitos de repulsa. A cada dia criam novas palavras com o mesmo sentido, com as mesmas mentiras.

Buscam culpados para seus fracassos e mesquinhas.

Protegem com eficiência seus próprios umbigos vendendo-se facilmente a correntes políticas.

Mas eu, o que faço aqui? Qual o sentido de minha existência nessa história?

**São Leopoldo, 30 de outubro de 2007**

### **A busca do sentido**

“Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso”  
Deleuze

Não sei se de fato posso sentir , ou se algum dia produzi sentidos.

Acumulo conhecimentos em cada parte do meu corpo, essas informações, correm ligeiras pelas minhas veias, pelas artérias e me saúdam com sua inutilidade a cada momento.

Sei que estou no fosso do esquecimento, sou como uma folha de outono sussurando um instante ao vento e depois não sendo mais ouvida.

Se fui, gerada como fruto do imaginário de tantos, do seu suor e prazer, devo realmente ter um bom motivo para existir.

Fácil criar sentido quando se está só, embora a solidão, por si só, não promova nenhum sentido.

Se a saúde do corpo é a plena eficácia dos sentidos, então adoeci.

Recordo com saudade os momentos em que fui gerada: as pessoas chegando e reunindo-se em torno da mesa para discutir e planejar o que de fato seria gravado em mim.

Muitas idéias ,muitas vozes, mãos nervosas, cabeças saltitantes.

**São Leopoldo,25 de maio de 2008**

### **O declínio da existência**

“Ao seguir, aquele vulto  
Que percorria o labirinto  
Descobri que era eu mesmo ,oculto  
Dentro das coisa que sinto  
E que só sei dizer em prosa e verso  
E quando as canto,eis que de pronto surge  
A rosa do universo.”.  
Jorge Maltner





Feita para o conhecimento de muitos, transformei-me no prazer de poucos, escondida dentro de um invólucro preto.

Mas o que é saúde agora? É não ter doenças? É não sofrer nenhum tormento psíquico?

O que significa o bem viver aqui dentro dessa caixa?

Será respirar um pouco mais de ar, ou quem sabe, ver a luz do dia?

Perdida entre a alegre agilidade da juventude e a tensão cristalizada da velhice.  
Queres comprar poesia?

Poesia não se compra, ela baila primeiro na cabeça, depois escorre pelos braços e nas mãos. Faz a caneta sambar.

Que elementos se encontram nos sentidos que dançam?

...E tudo isso por tédio, senhores, tudo por tédio; fui esmagado pela inércia, isto é, o ficar sentado-de-braços-cruzados conscientemente.<sup>16</sup>

Sé a consciencia o elo que mantém a vida atuante, mesmo estática?  
Assim, o final é infindo, como são os movimentos no pensamento de quem pensa.

---

<sup>16</sup>Dostoiévski, 2008, p.26

## 5. Pirilampiando-se , brilhos e apagamentos...

“...eu ,obra anônima de uma realidade anônima só justificavel enquanto dura a minha vida.E depois? Depois tudo o que vivi será um pobre supérfluo...”

Clarice Lispector

Esquecer não é possível,viver sim .Viver para descobrir,desvelar,não se satisfazer apenas com a aparência do real .Poucas coisas ou nenhuma são mais assustadoras do que ousar se libertar de um jeito cujo funcionamento conhecemos. Medo e coragem andam de mãos dadas nesse processo. Morrer e renascer,eis ai um possível exercício que talvez torne a vida mais rica,vibrante.

A vida inventa .A gente principia as coisas no não saber porque, e desde ai perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.<sup>17</sup>

O projeto Desejo e Temperança: Sexualidade,Teatro e Escola,nasceu da união de várias forças , a secretaria de Educação de São Leopoldo,o grupo de teatro Roesser,o Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde(IFCH/UFGRS-NUPACS).

Primeiramente realizamos ,por seis meses, um grupo focal de intervenção com adolescentes ,jovens e adultos,cujo o tema principal era a sexualidade.

Os encontros eram preparados a partir dos temas que iam surgindo a cada semana.Realizamos várias oficinas dentre elas: fotografia,dança-teatro,exercícios de bio-energética, ,artes plásticas, relaxamento.

Alguns temas foram recorrentes em nossos encontros:gravidez na adolescência,AIDS,DSTS. O mundo preparava-se para o novo milênio e esses pareciam ser os fantasmas a assombrar o imaginário de todos.

Trabalhávamos, eu e quatro colegas, realizando os encontros em dois momentos distintos: no início do encontro tínhamos uma atividade de integração,geralmente algo movimentado que incluía o corpo;em um segundo momento,nós nos dividíamos em 3 grupos ,pois chegamos a ter 60 participantes. Ao final,nos reuníamos novamente e compartilhávamos as discussões e todo material coletado, esse momento servia de base para juntos planejarmos o próximo encontro.

Nesta época a EJA contava com projetos itinerantes de Artes que contemplavam Artes Plásticas,Teatro,Dança. Rodávamos os principais bairros da periferia da cidade,trabalhando diariamente em uma escola diferente.

---

<sup>17</sup>Rosa,1986,p.406

São Leopoldo contava então com 193,547 (IBGE) habitantes, e uma grande concentração na periferia da cidade, na maioria migrantes do interior do estado, atraídos por promessas de emprego no já falido setor coureiro calçadista.

Em São Leopoldo há cerca de 6.090 famílias com domicílios em situação inadequada (cf. censo demográfico do IBGE em 2000). Além disso, existem outras famílias sem moradia, permanecendo em casas de parentes e amigos ou mesmo na rua e debaixo de pontes e viadutos, vivendo em situação de degradação, sem as mínimas condições de dignidade.<sup>18</sup>

Com o aumento desenfreado da população, os habitantes de nossa cidade sofrem a cada dia com a falta, não só de moradia, mas de segurança, atendimento em saúde, desemprego.

São Leopoldo é uma cidade de contrastes; de um lado encontramos a tradição próspera dos imigrantes alemães, que se tornou fértil com a indústria coureiro-calçadista, resguardada pela educação dos Jesuítas; de outro, um aglomerado de vilas formadas por desempregados, em sua imensa maioria semi-analfabetos.

A Educação de Jovens e Adultos surge em São Leopoldo, numa tentativa de amenizar essa situação, buscando oferecer um mínimo de escolarização para essas pessoas. E projetos como o que realizamos tornam-se mais uma tentativa de aproximar a Escola das práticas de Saúde e bem-estar.

## **Brilhos , apagamentos e outras histórias...**

Qual pode ser a importância de um pequeno grupo reunido em um bairro de periferia de São Leopoldo, discutindo questões de sexualidade, enquanto ondas globais invadem as casas e revelam tudo o que acontece debaixo do edredon?

Mas o instante-já é um relâmpago que acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará em um imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo.<sup>19</sup>

Estar em contato com os alunos nesse projeto foi um desafio pois tínhamos uma grande diversidade cultural e etária, adolescentes, jovens e adultos dos 13 aos 60 anos, com as mais variadas experiências de vida. Como fluir naturalmente entre tantas diferentes realidades?

---

<sup>18</sup> Hammes, 2007, p. 43 e 44

<sup>19</sup> Lispector, 1998, p1

Lembro-me de uma senhora que exercia a profissão de prostituta em um dos mais conhecidos prostíbulo da cidade: ao ver o filme que realizamos, exclamou emocionada: “vou passar essa fita no meu trabalho pras gurias, muitas não sabem como se cuidar e já que a prefeitura não faz sua parte, faço eu!”

E o mais interessante é que reencontrei essa senhora ,dois anos depois,em outra cidade. Ela continuava em sua profissão e agora organizava rodas de conversas para falar sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis,dentro do prostíbulo.

Somos instantes de brilho intenso e apagamentos,o fluir da vida cada dia brinca de gangorra com tudo que conquistamos e realizamos.

E nesse devir, prosseguimos, ora brilhando à luz dos holofotes,ora esquecidos,não procurados e não visitados.

Movimento semelhante, encontramos nas ações de políticas públicas em nossa cidade,ora o “povo” tem espaço e visibilidade(nos supostos conselhos municipais) ora são totalmente ignorados ,quando por exemplo buscam atendimento no hospital da cidade que geme moribundo à beira do caos.

...existem problemas pontuais,como posto de saúde que não resolve os problemas das pessoas doentes. Por exemplo,já faz um ano que não recebo a visita de Agente de Saúde, ainda que o fichário do Posto registre como tudo normal(as pessoas imitam assinatura)...<sup>20</sup>

Dentro deste contexto estavam inseridos todos nós, participantes do projeto,que a cada encontro compartilhávamos nossas dificuldades ,principalmente com as questões de saúde.

Nada é simples. Nosso objetivo ao realizar esse projeto era de criar multiplicadores que com as informações adquiridas nos encontros, pudessem retransmiti-las em suas comunidades assim como também ,produzir um material que pudesse circular entre as escolas motivando discussões sobre o tema. Mas após um exaustivo semestre de trabalho, nosso filme acabou dentro de um armário,não foi distribuído para as escolas, não recebeu aplausos e nem flores.

E quantos são os projetos de educação e saúde que tem o mesmo triste fim?

Contar uma vida tal qual um exercício de traçar um rosto.busca movida pelo desejo de dizer o indizível,embebido na paixão que certa existência movimenta na de quem escreve.envolve embrenhar-se em pegadas e vestígios, a fim de que certa adequação se opere entre as escritas e os planos de vida.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup>Hammes,2007,p51

<sup>21</sup>Fonseca,2010,p122

Penso que ao esquecimento de desse trabalho, pelas partes interessadas, possa ter acontecido por vários fatores; dentre os quais estão a falta de uma logística de apresentação e distribuição para as a escolas do município ; um certo preconceito atribuído a EJA (talvez o de ser um tipo de educação sem qualidade, onde os alunos freqüentam os cursos somente para a obtenção de um comprovante de alguma escolaridade), assim também como uma desvalorização das coisas que são produzidas pelas pessoas da própria cidade (santo de casa não faz milagre). E ainda uma disputa política que, a cada administração, inutiliza tudo o que foi construído pela anterior.

Portanto é preciso viver de fragmentos para que a memória do que aconteceu possa ser resgatada em qualquer espaço e por qualquer pessoa que assim o desejar. Como uma vida que insiste em acontecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há considerações sem afectos, assim como não há conclusões sem experiências. Busquei registrar aqui uma espécie de biografia de um trabalho que realizei, 12 anos atrás ,na tentativa de fazê-lo vivo novamente.

Fiz isso porque vi no personagem ,uma fita VHS, uma possibilidade de trabalhar a mudança de perspectiva diante do mundo. O que acontece com as coisas que realizamos e que acabam perdidas no vão do tempo? Como as coisas acabam na lata do lixo?

Procurei falar, assim, como se dá a representação de alguém que passa de determinadas posições a outras. Essas trocas são decorrentes de transformações que, de certa forma, tornam obrigatória a mudança de perspectiva. Afinal, nem sempre é possível nos mantermos nas posições fixas e estáveis que cremos nos encontrar. A qualquer momento o controle dos nossos sentidos nos escapa. E a nossa nova forma de existência, se vê obrigada a viver assim mesmo. Sem saída, busca-se a readequação.

Readequação essa, que pede uma reinvenção diária ...

Acredito que todas as questões que permeiam as áreas da Saúde e Educação acabam nesse movimento , de brilhos e apagamentos,pois lidam com a humanidade das pessoas, algo que nunca é estático e vive de transformações.

Procurei falar, assim, de como se dá a história de alguém que passa de determinadas posições a outras, a fita VHS em seus brilhos e apagamentos,ora na tela ,ora no armário escuro e empoeirado,acabando na lata do lixo, sendo resgatada e apreciada novamente.



Se assumirmos que somos seres com vidas em constante mutação, não há subterfugios precisamos, a cada passo sobreviver às crises, encontrar uma maneira de caber na nossa falta de cabimento.

A sobrevivência muitas vezes se dá através dos encontros, dos afectos, de um certo modo de estar à espreita, com olhos abertos, suficientemente distraídos. Assim, através desse diálogo com os outros, com vidas apagadas e reacendidas, vou me redefinindo, sendo cada vez eu mesma. Se é que ser cada vez mais eu mesmo é possível. Se é que cada vez que me busco não percebo que mais me afasto daquilo que julgava ser minha essência. Como minha VHS redescoberta. Aprendi muito com ela e desejo, quiçá, que o leitor tenha também se estranhado com ela.

## Referencias:

1. Serres, Michel, *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1993;
2. *O Abecedário de Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. (1988-1989)
3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Crepusculo dos ídolos ou como se filosofa com um martelo*. Porto Alegre: LPM, 2011
4. BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva. 1977.
5. Bobsin, Oneide, *Entre o sonho e a realidade- Estudo sobre a pobreza e a condição social nas áreas invadidas em São Leopoldo-COREDE Vale dos Sinos*. São Leopoldo: Oikos, 2007
6. Oliveira, Vinicius Pereira de, *De Manoel do Congo a Manoel de Paula: um africano ladino em terra meridional*. EST edições: Porto Alegre, 2006
7. Rosa, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986
8. Lispector, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
9. Dostoiévski, Fiódor, *Notas do subsolo*, Porto –Alegre: L&PM, 2012
10. Costa, Luciano Bedin da, Tania Mara Galli Fonseca, *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto –Alegre, editora da UFRGS, 2010
11. Pessoa, Fernando, *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012